

DOIS CARTÓGRAFOS ALEMÃES A SERVIÇO DO BRASIL NO SÉCULO XVIII: JOHANN ANDREAS SCHWEBEL e FILIPE STURM.

CARLOS H. OBERACKER JR.

João André Schwebel não é, entre os muitos cartógrafos a serviço do Brasil, inteiramente desconhecido dos brasileiros estudiosos de sua história. No entanto, até agora muito pouco se sabe d'êlé; talvez estas desprezíveis linhas possam contribuir um pouco para o seu melhor conhecimento, pois, como um dos mais produtivos entre os cartógrafos germânicos, bem o merece. Havia de fato antes d'êlé cartógrafos germânicos notáveis que contribuíram decisivamente para a elucidação da figuração física do espaço brasileiro. Lembramos os grandes cartógrafos da época de João Maurício de Nassau (1) que deixaram centenas de mapas tão perfeitos e minuciosos a ponto de o Barão do Rio Branco, famoso conhecedor da matéria, assim se manifestar no fim do século passado a respeito d'êles:

“Triste é dizê-lo; ainda hoje quem quiser estudar a zona marítima desde o Rio Grande do Norte até Sergipe, encontra no mapa do ilustre Markgraf valiosas indicações geográficas que de balde procuraria nas cartas brasileiras, mesmo as mais recentes”.

Além de Jorge Margraf, de Liebstadt na Saxônia, e seus companheiros, alguns jesuítas alemães granjearam grandes méritos como cartógrafos: assim Aluísio Conrado Pfeil de Constança, como cartógrafo do Estado do Maranhão e Grão-Pará, e o famoso Samuel Fritz, sudeuto-alemão de Trautenau, como desenhista do primeiro mapa do Rio Amazonas.

Quanto ao cartógrafo e oficial alemão Johann Andreas Schwebel conseguimos averiguar somente o que se segue: era filho de Johann Georg Schwebel, um simples trabalhador, moleiro (*Mühlknecht*), de

(1). — Alemão de Dillenburg, Hesse; governador-geral a serviço da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais no Nordeste brasileiro de 1637 a 1644.

Nuremberg e de sua mulher Margaret. Foi batizado em 21 de abril de 1718, deve ter nascido, portanto, alguns dias antes, na segunda quinzena do mesmo mês. Depois de freqüentar a escola, provavelmente assentou praça na sua terra natal, sendo — devido às suas faculdades extraordinárias — em seguida enviado numa idade relativamente avançada à Universidade. Em todo o caso, estudou Schwebel na Universidade da Cidade Livre do Império em Nuremberg que era Altdorf, onde se matriculou em 1743 para estudar matemática (2). Nada mais sabemos sobre a juventude do engenheiro militar Schwebel. Em 1750 aparece em Lisboa entre os técnicos e cartógrafos nacionais e estrangeiros nomeados pelo decreto de 1º de outubro de 1750 do governo português para demarcar, em consequência do tratado luso-espanhol de Madrid (13-1-1750), as fronteiras dos seus domínios sul-americanos. Tinha Schwebel então o grau militar de capitão e era relativamente bem pago, pois devia receber 49\$800 (mil réis) por mês ou seja anualmente 597\$600 e além disso, enquanto estudasse na América,

“sustento, conducções e gente de serviço”.

No tratado de Madrid, em 1750, a Espanha reconhecera o chamado princípio do *uti possidetis* pelo que cedeu a Portugal os territórios ocupados na América do Sul por portugueses durante a era em que os dois reinos se encontravam reunidos e após esta época, que durou de 1580 a 1640. O tratado previa que os novos limites sul-americanos fôsem fixados com precisão *in loco* por técnicos especializados, isto é, geógrafos, cartógrafos e astrônomos (3). Em vista do grande atraso de Portugal em relação à cultura científica (4), o governo português se viu obrigado a contratar estrangeiros, dos quais parte devia ser enviada para o sul do Brasil atual, então chamado Estado do Brasil, e parte para o norte do atual Brasil, então denominado Estado do Grão-Pará. Entre êstes técnicos estrangeiros que foram contratados por um prazo de cinco anos

“desde o dia que chegarem à América”,

(2). — Ver Steinmeyer, p. 528; registro de pessoas n.º 17.410.

(3). — Parece que parte dos técnicos estrangeiros já fôra recrutada em 1749 quando já se tinha notícia das demarcações previstas no convênio com os espanhóis. Segundo uma informação do *Kriegsarchiv* em Viena foram convocados na Áustria, com permissão do Governo, os seguintes oficiais do exército austriaco: Michael Angelo Blasco, Coronel; Panzone, Capitão; Reverend, Capitão; Caspar Gronsfeld, Capitão; Cavagna, Primeiro-Tenente; Galuzzi, Primeiro-Tenente; Etzko, Segundo-Tenente; Halton, *idem*; Götz, *idem* e Röhrich, *idem*.

(4). — Ver: Cortesão, I/I, p. 95: “... o grande atraso de Portugal em relação à cultura científica européia. O conhecimento da ciência da natureza, que tão grandes passos dera ... constituia letra morta no país”.

encontravam-se além de alguns italianos, como o coronel-engenheiro Miguel Ângelo Blasco, os ajudantes Henrique Antônio Galuzzi, e José Maria Cavagna, três padres-astrônomos jesuítas, dois astrônomos leigos e um cirurgião, todos italianos, um francês João Inácio Piton, um holandês, o capitão José de Rollen Wandeck e o crotata P. Inácio Szentamartony S. J., padre e astrônomo, o alemão Schwebel e outros técnicos que nos documentos publicados pela primeira vez por Sousa Viterbo, são declarados expressamente como sendo de nacionalidade alemã: os capitães Gaspar João Geraldo von Cronsfield (ou Gronsfeld) (5) e Carlos Inácio Reverend, os ajudantes de infantaria Adão Leopoldo von Breuning (6 e 7) e Filipe Frederico Sturm (6 e 8), os tenentes de infantaria Manuel Götz (6 e 9), Adão Venceslao Hestcko (Hestcko ou Hesteko), Inácio Hatton e Paulo Rörich (10), todos

“com exercício de engenheiros”

e o médico Adão Paneck (também apelidado Panck ou Paink). Entre os astrônomos encontrava-se ainda o P. Xavério S. J.; enfim, havia ainda outro indivíduo de língua alemã, o oficial suíço João Bartolomeu Havelli (ou Havelle) (11) que, como alguns alemães, foi contratado

(5). — Da mesma maneira como Schwebel, também Gronsfeld adoeceria posteriormente no vale do Amazonas, sendo enviado do interior para Belém do Pará para restabelecer-se, como se vê de uma carta do governador Mendonça Furtado, datada de Mariúá de 28 de maio de 1756. Ao contrário do que aconteceu com Schwebel, Gronsfeld restabeleceu-se e continuou na região amazônica. Segundo Isa Adonias (II, p. 228 e seg.) Gronsfeld em 1773 fez três projetos sobre a maneira de como se podia melhor fortificar a cidade de Belém e em 1761 (*ibidem*, p. 329 e segs.) já tinha elaborado um projeto para o “Reducto de fachinas (...) na Praça de São José do Macapá”.

(6). — Supomos que também Sturm, Götz e Breuning eram oriundos de Nuremberg. Nas nossas investigações nesta antiga Cidade Livre e Imperial encontramos em todo o caso um Jacó Sturm (1771-1848), pintor e naturalista, um João Crist-Götz (1688-1733), médico, e famílias de comerciantes com os apelidos Götz e Breuning.

(7). — Breuning era casado, pois “a sua família há de receber 16\$000 por mês” (*Sousa Viterbo*, I, p. 54); ficava ele, ao que parece, em Lisboa.

(8). — Acêrca do engenheiro Sturm falaremos mais adiante.

(9). — Götz em 24 de dezembro de 1767 ainda se encontrava na América do Sul portuguesa, pois neste dia foi nomeado “sargento-mor de infantaria com exercício de engenheiro”, officio que praticava em São Luís do Maranhão, onde se achava casado.

(10). — Rörich foi morto em Lisboa, “pelas onze horas da noite de 3 de maio de 1751”.

(11). — Havelli ou Havelle em 4 de julho de 1750 ainda em Lisboa, foi promovido ao posto de “capitão engenheiro com sôldo dobrado”.

posteriormente a 1750. Dêles, Havelli, Reverend (12), Hetscko e Hatton (13) foram enviados para a região meridional das colônias portuguesas na América do Sul. Os restantes, inclusive o capitão Schwebel, seguiram mais tarde para a região amazônica a fim de serem integrados numa comissão gigantesca composta de 796 pessoas que, sob a chefia do próprio governador-geral do Estado do Grão-Pará, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão do futuro Marquês de Pombal, e nomeado Primeiro Comissário e Plenipotenciário para as demarcações, em 2 de outubro de 1754, se pôs em movimento de Belém do Pará para o Rio Negro, onde deveriam encontrar-se com os espanhóis; estes, no entanto, desgostosos das anuências que tinham sido feitas no contrato de Madrid, nunca se apresentaram.

Ao deixar Belém, a caminho do Rio Negro, Mendonça Furtado deu instruções aos técnicos que desenhassem os rios e localidades por onde iam passando para organizar um mapa exato da região. Foi um trabalho em que colaboraram Sebastião José, engenheiro português, Schwebel, Sturm, Breuning e Szentmarony que fez as observações astronômicas. O original ou uma cópia à aquarela desta obra, no tamanho 0,440 m x 2,689 m, uma espécie de mapa do vale do Rio Amazonas, obra em que Schwebel teve sem dúvida *magna pars*, possui o Arquivo Militar do Ministério da Guerra do Rio de Janeiro, enquanto que o Itamaraty dispõe de

“uma cópia de uma variante daquele mapa, de tamanho menor” (Isa Adonias)

e ainda de segunda cópia no tamanho 63 x 97 cm. O título por extenso do original reza:

“Mapa Geographico dos Rios por onde navegou o Ill.mo e Ex. Snr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado, sahindo da cidade do Pará para o Arraial do Rio Negro no dia dous de Outubro de 1754, com a exacta delineação da maior parte do Rio Amazonas, e Rio Negro por onde o mesmo Senhor continuou a viagem até a Aldéa de Mariuá, notando-se tambem a entrada dos mais Rios, que vem comunicar ou confundir as suas aguas com os antecedentes, juntamente as Estações, ou logares de repouso com o signal de uma entrelinha. Executada pela direcção e deligencia dos Engenheiros da Expedição o Sarg.to-mor Sebastião José, o Cap.m João André

(12). — O capitão Reverend, segundo Strasen e Gândara (p. 273), foi promovido a sargento-mor de infantaria, com exercício de engenheiro.

(13). — Hatton, segundo Strasen e Gândara (p. 273), “regressou do Rio de Janeiro ao seu país”.

Schwebel, o Ajud. e Phelippe Sturm, e o Ajud. e Adam Leopoldo de Breuning, e ratificado pelas observações astronomicas do P. e Ignacio Semartoni”.

Além dêste mapa geográfico os mesmos engenheiros riscaram ainda uma carta hidrográfica cujo original (ou cópia) na medida de 0,408 x 1,860 m se encontra no mencionado Arquivo Militar (sob o nº 1616) e possui o seguinte título:

“Mappa hydrographico de parte dos rios das Amazonas e Negro. Levantado pelos officiaes Engenheiros Sebastião José, João Schwebel, Felipe Sturm, Adam Leopoldo de Breuning, e ractificado pelas observações Astronomicas do Padre Semartoni”.

Schwebel encontrava-se adoentado já em meados de 1756, isto é, dois anos depois de sua chegada, atacado por moléstias tropicais. O próprio governador-geral e Primeiro Comissário Mendonça Furtado o tinha em alto aprêço e escrevia então ao bispo em Belém:

“Este Offi.al se temconduzido neste Arrayal (Mariuá no Rio Negro) com suzudeza, e gravidade, e he certamente homem de prestimo”.

Na mesma carta (ver: *Collecção Pombalina*, códice 161, fólio 125, na Biblioteca Nacional em Lisboa) com a data de 28 de julho de 1756 diz o irmão do Marquês de Pombal ainda:

“O pobre do Cap.am Schevébel tem aquy padecido os achaques que V. Ex.a verá da informação do Fizico-mor, e ultimam.te foy atacado da queixa do peyto...”.

Em consequência de sua doença o govrenador-geral concedeu-lhe licença para ver

“se mudando de ares tem milhora nesta perigosa queixa”.

Mandando-o a Belém, porém não sem lhe dar ordem — apesar de sua doença — que

“de cam.o se informará nas Fortalezas por onde passar de tudo o q necessitão assim de petreyxos, como de obras, e fará de tudo hua exacta informação...”.

Esta comissão mostra o grau de confiança que o governador-geral do Estado do Grão-Pará depositava neste estrangeiro.

Schwebel ficou até fins de 1757 em Belém, isto é, mais do que um ano, tomando em conta o tempo que levava para viajar de Mariuá

a Belém, inspecionando durante a viagem tôdas as fortalezas que se encontravam no seu caminho. Supomos que durante esta estada continuou a trabalhar diligentemente, pois é considerado entre os técnicos como

“talvez dos que mais trabalhavam” (Sousa Viterbo).

Aqui acabou a sua obra principal, uma coleção de prospectos das localidades que conhecera no vale do Amazonas, fazendo durante a viagem os respectivos rascunhos. Esta obra é reputada, com tôda a razão, “preciosíssima” pelo historiador Rodo'fo Garcia. O documento exclusivo da mão de Schwebel guarda a Biblioteca Nacional do Rio e compõe-se de 25 esboços à tinta e aquarela. O seu extenso título é:

“Collecçam dos Prospectos das Aldéas e Lugares mais notáveis que se acham em o Mapa que tiraram os Engenheiros da Expedicçam, principiando na Cidade do Pará thé a Aldéa de Mariuá no Rio Negro, onde se acha o Arrayal, alem dos prospectos de outras tres ultimas Aldéas chamadas Camarã, Bararuã, Dari, situadas no mesmo Rio ... Executadas pelo capitam Engenheiro Joam André Schwebel, Anno 1756”.

Além desta obra, Schwebel durante a sua primeira estada em Belém confeccionara um prospecto urbano ou seja magnífico quadro panorâmico aquarelado da cidade,

“com igrejas e residências e com tôda a habilidade, como se o projeto tivesse sido gravado em cobre”

como diz o seu conterrâneo, então vivendo no Estado do Pará, o padre Anselmo Eckart S. J. (14). Provavelmente tal preciosidade é idêntica com a que guarda, junto com outra, o Arquivo Militar de Lisboa e que tem a seguinte legenda:

“Prospecto do norte da cidade de Bellem do Gram Pará. Tirada por ordem de S. Ex.a o Sr. Com. Francisco Xavier de Mendonça Furtado —, Capitão General e Governador do mesmo Estado. Em o ano de MDCCLIII (1753). Desenhado do original por João André Schwebel capitão engenheiro”.

(14). — Ver: Zusatze zu Pedro Cudena's Beschreibung der Laender von Brasilien etc., em Murr, Christoph Gottlieb von: Reisen einiger Missionarien der Gesellschaft Jesu in Amerika” ... Nuremberg, 1785.

No mesmo Arquivo existe ainda o

“Prospecto do poente da mesma cidade de Bellem do Gram Pará. Desenhado o original por João André Schwebel”,

provavelmente confeccionado no mesmo ano.

Além destes prospectos fêz também

“Planta Geométrica da cidade de Bellem, no Gram Pará”,

mencionada abaixo e descrita pormenorizadamente por Isa Odonias (II, p. 225).

Outra obra que porventura acabou em Belém é o

“Mappa Geographico da Ilha de Ioannes, em Marajó, Arrodeado por Mar, e por Terra por Florentino Silveira Frade Morador de esta Ilha, e posto em ordem pelo Captam Enghr.o Schwebel no A.o 1757”.

Este mapa à aquarela mede de 0,500 por 0,698 m, encontra-se no Arquivo Militar do Rio de Janeiro.

Como o estado de saúde de Schwebel não melhorara em Belém, o governador mandou-o em fins de novembro de 1757 com uma carta da mesma data para Lisboa. Diz Mendonça Furtado nesta carta, que Schwebel

“servio neste Est.o com grande prestimo”. “Elle leba os Prospectos de todaz as Povoações que ha desde esta Cidade athe a ultima do Rio Negro, feytos com aquella perfeição que costuma aplicar”.

Estes “prospectos” deveriam ser entregues por Schwebel ao “mano Sebastião”. Mas

“como tinha esta obra por preciosa, desejo tambem conservalla em meu poder, p.a o que você lhe dará os brulhões que vem no caixote que leva o mesmo Capp.m p.a elle me fazer esta obra nessa cidade, naforma que aqui lhe disse”.

Parece fora de dúvida que o Marquês de Pombal concordou com o pedido do irmão, e conseqüentemente Schwebel em Lisboa fêz uma segunda via da obra que levava, ampliando-a e aumentando o número dos “prospectos” destinados ao marquês que, em conseqüência da posterior trasladação de Dom João VI para o Brasil vieram parar na atual Biblioteca Nacional do Rio. A “segunda via” que Schwebel acabou em 1758 em Lisboa é provavelmente idêntica à obra que hoje se encontra na biblioteca da Casa dos Duques de Palmela.

Esta coleção, no entanto, compõe-se em vez de 25 prospectos da coleção da Biblioteca Nacional do Rio, de 41 cartas e prospectos (15) aquarelados a côres ou simplesmente a prêto. E' acompanhada ainda por uma carta que talvez seja, supomos, uma segunda via melhorada do primeiro mapa mencionado, obra de Sebastião José Schwebel, Sturm, Breuning e SzentmarTony. Intitula-a Schwebel:

“Mapa geographico do rio das Amazonas thêdonde conserva este nome e toma o do rio dos Solimoens chamado assim pellas nações q' nelle habitam. Juntamente com a grande parte do ryo Negro thê a Cachoeyra Grande, compreendendo-se neste ultimo todas as Missoens que administram os P. P. Carmelitas. Com os prospectos dos lugares mais famosos cerconvezinhos dos ditos Pyos. — Executado pello capitam engenheiro João André Schwebel no anno 1758”.

Abrange êste atlas as seguintes 41 cartas:

- 1). — Sem título (zona dos cursos dos rios Negro e Amazonas, situada na longitude de 311° a 329.°, 30', e na latitude norte de 0.° 55' a 4.° 25' sul).
- 2). — “Planta geometrica da cidade de Bellem no Gram Para”.
- 3). — “Prospecto da cidade de Bellem no Gram Para, da parte do Norte”.
- 4). — “Prospecto da cidade de Bellem no Gram Para, da parte do Oeste”.
- 5). — “Prospecto da ribeira, donde se fabricam as canoas, sita no ryo Mojû”.
- 6). — “Prospecto do sito, junto do Igarapé Mirim, que tem comunicação com o ryo Mojû, e com o dos Tocantins”.
- 7). — “Prospecto da freguezia de Santa Anna, no Igarapé Mirim”.
- 8). — “Prospecto do sito chamado do Limoeiro, junto da Bahia do mesmo nome, no ryo dos Tocantins”.
- 9). — Sem título (zona do rio Tocantins e ilha de Marajó e cidade do Pará, situada na longitude de 327.° 32' a 329.° 44' e na latitude sul de 1.° 18' a 2.° 18').
- 10). — “Prospecto do sitio de Maruarû, que tira o seu nome de huma bahia assim chamada”.

(15). — Segundo Isa Adonias, II, p. 5, compõe-se de 6 fôlhas e 41 mapas manuscritos.

- 11). — “Prospecto da aldea de Guaricurû no ryo do mesmo nome, administrada pelos P. P. da Companhia”.
- 12). — “Prospecto da aldea de Arucarâ, no ryo do mesmo nome, administrada pelos P. P. da Companhia”.
- 13). — “Prospecto da fortaleza de Gurupâ, com a sua povoação”.
- 14). — Prospecto do sito de Aycajo, que deriva o seu nome de huma ponta de terra, passando a fortaleza de Gurupa”.
- 15). — “Prospecto da aldea Arapyo, administrada pelos P. P. de Santo Antonio”.
- 16). — Sem título (zona da ilha de Marajó, situada na longitude de 326.º 5' a 327.º 42', e na latitude sul de 0.º 50' a 1.º 50').
- 17). — “Prospecto da aldea de Cavianâ, administrada pelos religiosos Capuxos da Provincia de Piedade”.
- 18). — “Prospecto do sitio chamado Tapâra, junto ao ryo Xingû”.
- 19). — “Prospecto da aldea chamada a Boa Vista, o pe do ryo Xingû”.
- 20). — “Prospecto da aldea Matarû, administrada pelos religiosos capuxos da Provincia da Piedade”.
- 21). — Sem título (zona da região do rio Amazonas, situada na longitude de 324.º 29' a 326.º 5', e na latitude sul 1.º 22' a 2.º 22').
- 22). — “Prospecto do Forte, e da aldea de Tapajos, administrada pelos P. P. da Companhia”.
- 23). — Sem título (zona situada na longitude 322.º 47' a 324.º 26', e na latitude sul 1.º 40' a 2.º 40').
- 24). — “Prospecto do foite, e da aldea de Pauxis, administrada pelos religiosos Capuxos de Santa Boa-Ventura”.
- 25). — Sem título (zona da região do rio Amazonas, situada na longitude de 321.º 14' a 322.º 46', e na latitude sul de 1.º 38' a 2.º 46').
- 26). — Sem título (zona da região do rio Amazonas, situada na longitude de 319.º 35' a 321.º 12', e na latitude sul de 2.º 27' a 3.º 26').
- 27). — “Prospecto da fortaleza do ryo Negro”.
- 28). — Sem título (zona da região do rio Amazonas, situada na longitude 317.º 55' a 319.º 30', e na latitude 2.º 34' a 3.º 35').
- 29). — “Prospecto da aldea chamada Iaû, administrada pelos religiosos Carmelitas”.

- 30). — Sem título (zona da região do rio Negro, situada na longitude 316.º 9' a 317.º 46', e na latitude de sul 2.º 5' 3.º 5').
- 31). — "Prospecto da aldea chamada Pedreira, administrada pelos religiosos Carmelitas".
- 32). — "Prospecto da aldea Aracari, administrada pelos religiosos Carmelitas".
- 33). — Sem título (zona da região do rio Negro, situada na longitude de 316.º a 317.º 39', e na latitude sul 1.º 4, a 2.º 5').
- 34). — "Prospecto da aldea de Camarú, administrada pelos religiosos Carmelitas".
- 35). — "Prospecto da aldea de Marivã, administrada pelos religiosos Carmelitas, onde se acha o arrayal".
- 36). — Sem título (zona da região do rio Negro, situada na longitude de 314.º 19' a 319.º 56', e na latitude sul de 0.º 39' a 1.º 40').
- 37). — "Prospecto da aldea Camarã, ou Caboquenna, administrada pelos religiosos Carmelitas".
- 38). — "Prospecto da aldea chamada Bararua, administrada pelos religiosos Carmelitas".
- 39). — "Prospecto da aldea chamada Darí, administrada pelos religiosos Carmelitas".
- 40). — Sem título (zona da região do rio Negro, situada na longitude de 313.º 14' a 315.º, e na latitude de norte 0.º 48' de latitude sul).
- 41). — Sem título (zona da região do rio Negro, situada na longitude 311.º 15' a 313.º 12', e na latitude de sul de 0.º 22' a 1.º 22').

Esta obra de Schwebel é considerada "opulenta" pelo historiador português Jaime Cortesão (p. I, t. I, p. 410-411), e

"do maior interêsse para a história da Amazônia daquela época".

E Isa Adonias diz destes engenheiros astrônomos e cartógrafos que eles

"deixaram uma obra cartográfica, ainda que pequena em relação ao território que lhes cabia, porém mesmo assim bastante apreciável, da qual se destacam os trabalhos de Schwebel" (t. II, pág. 5).

Jaime Cortesão, no entanto, avança ainda mais e é mais categórico quando afirma que:

“A obra dêsses homens (. . . .) teve um alcance definitivo na formação do estado brasileiro. Nas suas cartas, que se contam por centenas, e foram intensamente copiadas, estudadas e difundidas, o Brasil tomou consciência da sua fisionomia física”.

E acrescenta que “o espírito de fronteiras” é uma das formas da consciência nacional (16).

Schwebel permaneceu em Lisboa para encarregar-se da comissão de Mendonça Furtado. Em 28 de maio de 1758,

“considerando-se os serviços por êle prestados no Estado do Grão Pará, foi agregado à lista dos capitães engenheiros da Côte”
(*Sousa Viterbo*)

com o mesmo sôldo que até agora recebia. Tal decisão constituia mercê especial, pois o decreto de 1º de outubro de 1750, base do contratação dos engenheiros estrangeiros, dizia:

“Que se na execução da ditas expedições do meu serviço contrahirem enfermidades, ou outros impedimentos, que os inhabilitem, lhes concederei a reforma nos mesmos postos, que tiverem com a metade do soldo enquanto viverem”.

De certo, Schwebel continuava a trabalhar, mesmo inválido como se encontrava. Já no ano seguinte, isto é, em 1759, ou em 1760 o distinto engenheiro e cartógrafo faleceu, como podemos concluir pela tença que Dom José concedeu a sua mulher Da. Mariana Clara. Como Schwebel era natural de Nuremberg é bem provável que fôsse protestante, mas nos registros da Comunidade Evangélica Alemã de Lisboa não se encontra o respectivo assento sôbre a sua morte, o que se explica pelo fato da mencionada comunidade religiosa só ter sido fundada em 1761.

* *
*

Entre os companheiros e colaboradores de Schwebel, merece o cartógrafo e fronteiro *Filipe Sturm*, seu conterrâneo, já diversas vezes mencionado, especial menção.

(16). — O propósito dêste nosso modesto artigo é chamar a atenção dos estudiosos para a rica obra de João André Schwebel, de modo que pessoa mais competente, procedendo às necessárias comparações entre os diversos trabalhos do nuremberguense, possa dar uma resposta aos problemas que levemente abordamos e, talvez, publicar também tôda a obra dêste alemão que sem dúvida, merece maior atenção do que até hoje lhe foi concedida.

O conhecido historiador do vale amazonense Arthur Cezar Ferreira Reis, em sua conferência perante o I Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros em Pôrto Alegre (1963) chamou a atenção dos estudiosos para o militar alemão Filipe Sturm, dizendo dêle:

“Homem admirável, sua passagem pelo Amazonas no período colonial provoca a paixão em quem a examinar nos detalhes ... E’ um fronteiro a merecer um estudo total”.

Tal estudo total, de certo necessário e mui elucidativo para a história do antigo Estado do Grão-Pará e, especialmente, para o atual Estado do Amazonas e o Território Roraima (ex-Rio Branco) não nos é possível oferecer; achamos, no entanto, útil para quem queira dedicar-se a êste estudo reunir aqui os dados até agora acessíveis sôbre o capitão Filipe Sturm.

Já na nossa *Contribuição Teuta* e nas linhas anteriores sôbre João André Schwebel, realçamos a figura de Filipe Sturm. Aparece, como referido, primeiro no ano de 1750 em Lisboa, quando contratado com outros cartógrafos alemães e italianos para a expedição que só em 1753 seguiria para o vale do Amazonas. Sturm não era dos mais notáveis técnicos estrangeiros, entre os quais se destacavam os seus conterrâneos, os capitães Schwebel, Gronsfeld (Consfeld) e Reverend; êstes ganhavam 49\$800 por mês, enquanto que os ajudantes de infantaria, como Filipe Sturm, recebiam sòmente 20\$000. Era êle então já casado, não sabemos se com uma alemã ou portuguêsã, pois segundo as relações publicadas por Viterbo a sua mulher devia receber na

“vedoria desta corte por procurador 10\$000 por mez”.

Nada sabemos acêrca da origem de Filipe Frederico Sturm, como se chamava por extenso, a não ser que expressamente é declarado como de nacionalidade alemã. Supomos, no entanto, ser êle natural de Nuremberg, como o seu conterrâneo Schwebel, ou dos seus arredores por têmos encontrado o apelido, que não é muito vulgar, nos arquivos desta antiga Cidade Livre do Império. Topamos aí entre outros com um Jacó Sturm que vivia de 1771 a 1848 e o qual era pintor e naturalista. Ignoramos também se Sturm,

“a grande figura que se ligou inteiramente à vida do Amazonas”
(Reis),

para não voltar mais a Europa, mandou posteriormente a sua espôsa seguí-lo para o vale do Amazonas ou se lá talvez a esqueceu.

Como já dissemos, Sturm seguiu para o Pará como ajudante de infantaria, no entanto continuaria sempre

“em exercício de engenheiro”.

Com outros técnicos ficou encarregado por Mendonça Furtado de desenhar os dois grandes mapas já mencionados com o seu extenso título original. Enquanto que os seus conterrâneos Schwebel e Cronsfield adoeceram gravemente de doenças endêmicas no Amazonas, Sturm parece ter suportado melhor os perigos tropicais. Permaneceu no Rio Negro e foi encarregado pelo sucessor de Mendonça Furtado de elaborar uma planta da (projetada) Vila de Barcelos, em que se ia transformar o aldeamento missionário dos religiosos Carmelitas, denominado Mariuá. Isa Adonias (II, p. 6) cita uma cópia desta planta, mencionando todos os prédios e construções da vila e da qual resulta que Filipe Sturm a acabou em 3 de agosto de 1762 e que o original se encontra arquivado na Biblioteca do Pará. Da mesma obra consta que Sturm fêz outro prospecto na medida de 33 x 53 cm. e a aguada de nanquim entre 1759 e 1761 sôbre as

“novas cazas feitas para a Residencia do Governo desta Capitania — Frontespicio que se fêz de novo na Igreja Parochial e Elevação do novo Pallacio (17) que se fês para o Ill.mo S.r D. Antonio Rollim de Moura Plenipotenciario das Demarcaçõis da parte do Norte de S. M. F.”.

Aliás, a chamada Vila de Barcelos viria a ser a sede da nova Capitania de São José do Rio Negro, instalada por ordem de uma carta régia de 3 de março de 1755 e a qual se estendeu do Rio Negro ao Javari. Desta capitania desenvolveu-se posteriormente o grande estado brasileiro do Amazonas cuja capital foi transferida de Barcelos para Manáus de maneira que Filipe Sturm tornou-se cofundador dêste imenso território brasileiro.

Filipe Sturm mais tarde foi comissionado para reconhecer o alto Rio Negro, o Solimões (= curso médio do Amazonas) e o Rio Branco e para planejar e construir fortalezas.

“Uma de suas melhores demonstrações de capacidade e de energia criadora” (*Reis*)

(17). — Parece que Sousa Viterbo (II, p. 111) se refere aos mesmo palácio, dizendo que na Biblioteca Nacional do Rio existem “num volume da expedição do naturalista Rodrigues Ferreira e que pertencia ao Museu Real da Ajuda, cuja marca ainda conserva, cinco desenhos de Codina, cópias de outros de Filipe Sturm. São os n.ºs 71 a 74 e 105 do dito volume. Os quatro primeiros referem-se a um palácio e casa de Conferência a construir na aldeia de Mariuá (Vila de Barcelos) para reunião dos plenipotenciários de Portugal e Espanha”.

constitui a importante fortaleza de São Gabriel da Cachoeira, no alto Rio Negro e ao sul de São José de Maribatanas, que ambas deviam deter o avanço espanhol nesta região. Sobre este período da atividade de Sturm, entrementes promovido a capitão, afirma Arthur C. F. Reis (*Colóquio*, p. 81):

“... excedeu-se sem descanso, com impetuosidade, decisão, consciência de suas responsabilidades. Seus relatórios, que compulsamos na seção de manuscritos da Biblioteca e Arquivo do Pará, são minuciosos, claros, ricos nas sugestões e nos dados sobre a política que promovia, de contatos amistosos com os grupos de primitivos locais e de ação vigilante contra os confinantes espanhóis”.

Principalmente, graças ao mesmo historiador e também a outros, estamos mais pormenorizadamente instruídos da atividade do capitão Sturm no Rio Branco, onde também tentavam infiltrar e fixar-se nos anos de 1769 a 1775 os castelhanos vizinhos. Diversos destacamentos, sob o pretexto de realizar indagações relativas às comunicações do Rio Orinoco com o Rio Branco, mas na verdade preocupando-se com o problema dos limites, avançaram aqui, tentaram conquistar a simpatia dos indígenas, semear povoações, enfim, incorporar à autoridade da Corôa espanhola territórios sobre os quais os portugueses reclamavam soberania, sem no entanto os terem ocupado de fato e permanentemente.

“A penetração espanhola de agora”, afirma Arthur Reis (*Isa Adonias*, II, p. 148 seg.), “oferecia muita gravidade pelo que podia significar para o futuro da soberania sobre aqueles espaços...”.

Por este motivo o então capitão-general Pereira Caldas, informado das ocorrências, tomou em 1775 as providências adequadas, encarregando Filipe Sturm da espinhosa tarefa.

“O capitão Filipe Sturm, o técnico arguto e avisado que servia em todas as horas difíceis com sua ação decisiva e com suas reflexões amadurecidas na experiência com o meio e com a gente da hinterlândia, foi mandado botar fora os invasores” *l. cit.*

Os espanhóis, visto não serem em número bastante para ocuparem militarmente a região, não ofereceram resistência, foram aprisionados e, em seguida, intimados por Sturm a retirarem-se.

O capitão Sturm, porém, não se satisfiz com o seu sucesso e

“traçando a planta de uma casa forte, levantou-a na bôca do Tacutú, artilhando-a com as peças que trouxera para a luta que se

esperava travar com os espanhóis invasores e com outras que lhe haviam caído em mãos com a rendição dos castelhanos”.

A casa forte, em estilo das fortificações que se estavam erigindo pela hinterlândia recebeu o nome de São Joaquim do Rio Branco e constituiu, durante muitos decênios, o baluarte contra as pretensões não só dos espanhóis como ainda dos holandeses e ingleses. Filipe Sturm foi nomeado o seu primeiro comandante, mas, não satisfeito com a sua construção militar, começou logo a semear em seu redor povoados indígenas com selvícolas fiéis a Corôa portuguesa. Segundo Varnhagen (IV, p. 257) fundou no atual Território de Roraima (ex-Rio Branco) o seguinte rosário de aldeamentos com importância estratégica: São Filipe do Tucutú, Nossa Senhora da Conceição do Uraricuera, Santa Bárbara, Santa Isabel, abaixo da confluência do Tucutú e Uraricuera e, finalmente, Nossa Senhora do Carmo em frente à barra do Uranuaú. Com as suas providências Sturm firmou a soberania de Portugal na região do alto Rio Branco e pôs os fundamentos do futuro Território brasileiro do Rio Branco ou Roraima.

Os espanhóis naturalmente protestaram contra o que consideravam uma violação dos direitos das gentes e trataram de alterar a situação de fato, criada por Sturm, pela força das armas. Sobreveio, porém, o aviso régio de Madrid em que foram prevenidos que se estava preparando o Tratado de Santo Ildefonso. Este tratado deveria pôr fim às diferenças de limites entre os dois reinos e reconhecia o direito português à região do alto Rio Branco. Da atividade de Sturm no posterior Território de Roraima para aonde, aliás, o parece ter acompanhado o seu conterrâneo Gronsfeld, resultaram vários mapas

“a traço de pena com toques de aquarela”

e dos quais conhecemos até agora os três seguintes que segundo Sousa Viterbo, parecem ser trabalho exclusivo de Sturm:

“Mapa do Rio Branco tirado no Mez de Novembro do Anno de 1775. O Sargento Mor de Gronfeld pos em Limpo”.

Isa Adonias (II, p. 147) faz dêste mapa uma descrição pormenorizada.

“Continuação do Mappa do Rio Branco, e do seu confim do Orinoco, q formando unicam.te pellas noticias, e informações adquiridas dos Espanhoes apreendidos na situação de S. João Baptista; deve de Unir ao Mappa do mesmo Rio, q athé a dita Situação fês o Capp.m Engrn.o Strum (sic!) em 19 de Novembro de 1775”.

“Mapa que ao outro do Rio Branco, feito, em 19 de novembro de 1775 pello Capitão Engenheiro Pelipe (*sic!*) Sturm acrescentou o mesmo Capitão tão sòmente pelas noticias adquiridas de alguns Espanhoes Dezertores no fim do dito Anno, mostrando o Caminho de que athé agora se servirão os Espanhoes para entrar no Rio Branco, atravessando as Serras, em cujas nasce o Rio Peramusí, e toma sua correnteza para o Norte ... e nas mesmas Serras oppostas tem o Rio Branco seu nascimento ... e toma sua correnteza para Sul”.

Existe ainda no Arquivo Militar do Rio a

“Copia de um risco q deu o Cap.m Engenheiro Phelippe Esturme, Comandante que foi da Fortaleza de S. Joachim do Rio Branco, p.o a Capela, e Rezidencia anexa do Capellão da Tropa da Guarnição; cuja Capela ainda se não fez”.

Pensamos que os dados que acima reunimos dão razão ao historiador Arthur C. F. Reis que Filipe Sturm de fato merece um “estudo total”. Isa Adonias (II, p. 5) diz com tôda justeza que

“a entrada e a permanência de Mendonça Furtado e dos engenheiros astrônomos e desenhistas no médio Amazonas e rio Negro foi rica de conseqüências para a expansão portuguesa. Assim, esta vastíssima região foi elevada a capitania...”

e, juntamos nós, assegurado o Território de Roraima que, em outro caso, teria sido incorporado às possessões espanholas. Entre êstes engenheiros elogiados por Isa Adonias, Filipe Sturm é, sem dúvida, uma figura impar. Faleceu o notável fronteiro e cartógrafo em São Gabriel da Cachoeira sem que soubessemos o ano e a data exata.

* *
*

BIBLIOGRAFIA.

- Adonias (Isa), *A cartografia da região amazônica*. Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 2 tomos, Rio de Janeiro, 1963.
- Braga (Theodoro), *História do Pará, Resumo didático*, Companhia Melhoramentos, São Paulo, 1931 (?).
- Cortêsão (Jaime), *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid (1750)*, IV partes, 8 tomos, Instituto Rio Branco, Rio de Janeiro, 1950-1960.

- Oberacker Jr (Carlos H.), *A Contribuição Teuta à Formação da Nação Brasileira*, Editôra Presença, Rio de Janeiro, 1968.
- Reis (Arthur C. F.), *Limites e Demarcações na Amazônia Brasileira*, 1.º tomo; A Fronteira Colonial com a Guiana Francesa. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1947.
- Reis (Arthur C. F.), *Participação Alemã nos Primórdios do Amazonas*, in: "I Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros", Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Steinmeyer (Elias), *Die Matrikel der Universitaet Altdorf*, Würzburg, 1912.
- Strasen, E. A./Gândara, Alfredo, *Oito Séculos de História Luso-Alemã*, Instituto Ibero-Americano, Berlim, 1944.
- Varnhagen (Francisco Adolpho de) (= Visconde de Pôrto Seguro), *História Geral do Brasil, Antes da sua separação e independência de Portugal*, 3a. edição integral, 5 tomos, Edições Melhoramentos, São Paulo, s. a.
- Viterbo (Sousa), *Expedições Científico-Militares enviadas ao Brasil*. Coordenação, Aditamentos e Introdução de Jorge Faro, 2 tomos, Edição Panorama, Lisboa, 1962 e 1964.